



**Universidade:
presente!**

UFRGS
PROPEAQ



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Evento	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	A interlocução em Sobrevivendo no Inferno
Autor	RODRIGO ESTRELLA MENDES
Orientador	CARLOS AUGUSTO BONIFACIO LEITE

Título: A interlocução em *Sobrevivendo no Inferno*

Autor: Rodrigo Estrella Mendes

Orientação: Carlos Augusto Bonifacio Leite

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

O grupo de rap Racionais MC's surge de um contexto sociocultural de cultura negra e violência estatal. O Hip hop é o seu berço cultural, de matriz possivelmente jamaicana e disseminado, aí sim isto é certo, pelos Estados Unidos. O Hip hop é também uma forma de resistência do povo negro e no Racionais encontra uma força de conscientização que vira arma política. O impulso conscientizador, que não pode ser interpretado pela lógica racista de “pedagógico” no sentido de tirar a emancipação do outro, é o cerne de suas músicas em *Sobrevivendo no Inferno* (1997), sua obra-prima. “Capítulo 4, Versículo 3” nos informa de estatísticas cruéis do Estado brasileiro de exclusão e morte do povo negro, daí a necessidade de salvar os irmãos do Inferno que é a periferia, com práticas de extermínio policial.

Para ver como isso se apresenta na forma, buscamos as interlocuções, que são abundantes, também por isso, significativas, procurando entender a razão de sua proliferação. Só no rap citado acima são mais de trinta as vezes em que há alguma menção ao *outro*, seja por meio da função conativa explícita (tu, você), seja de maneira mais implícita, pelo verbo no imperativo. Foram desconsideradas interlocuções que não sugeriam com segurança certo outro, como interrogações genéricas, muitas vezes reflexivas do próprio eu cancional. Buscou-se entender, a partir delas: quem fala, qual o destinatário e qual o teor da interlocução, para assim compreender a quem o disco se dirige.

Entendendo, então, como e a quem se dirigem, há dois autores que nos ajudam a entender essa relação dialógica de eu-tu. O primeiro é D'Andrea, que em sua tese *A formação dos sujeitos periféricos* indica o que talvez seja um dos objetivos do grupo: criar um sujeito, que é igual ao locutor, que se identifique e tenha orgulho de sua condição de periférico, e que haja politicamente em cima disso. Outro é Hirata, que em *Sobreviver na adversidade* descortina formas de sociabilidades importantes daquele contexto histórico e que nos permite dizer que o Racionais tem essa postura de *dar a letra*, de conscientizar, porque ocupa uma certa posição de autoridade – aqui novamente deve-se esquecer o sentido como sinônimo de detentor de poder e dominação –, seguindo na verdade um código ético e moral periférico.

Após perscrutarmos as interlocuções em todas as faixas do disco – dados que serão apresentado no salão –, foi possível concluir que o disco se endereça aos jovens negros de periferia, como os integrantes do grupo; que esse ato conscientizador só é possível pela posição de reconhecimento a quem se alçam os rappers, por uma sociabilidade implícita; que formar sujeitos periféricos que ajam politicamente a partir da opressão é seu principal objetivo, mesmo que por várias vezes o interlocutor seja o playboy, e aí a postura é de intransigência e violência, também indiretamente conscientizando, através do ato, a maneira de tratá-los; e que tudo isso é arma política de sobrevivência ao “cotidiano suicida” da favela.

A conclusão do trabalho, levado a cabo com auxílio de bolsa BIC-UFRGS, é relevante nos relativamente recentes estudos sobre rap, haja vista que identifica com clareza a interlocução estabelecida pelo álbum mais célebre do movimento, *Sobrevivendo no inferno*. Disso implica que apesar do número expressivo de cópias vendidas, um milhão e meio, o outro construído pela forma não prevê o ouvinte “boy” que se arrisque pelas faixas do disco. Ao mesmo tempo, a guinada que ocorrerá em seguida no movimento, inclusive em virtude do sucesso obtido pelo Racionais, rumo a um rap direcionado a outro público, com artistas como Emicida e Criollo, parece não existir ainda, hegemonicamente, em 1997.